



---

**DESIGUALDADE SOCIAL E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA**  
**SOCIAL INEQUALITY AND EDUCATION IN TIMES OF PANDEMIC**  
**DESIGUALDAD SOCIAL Y EDUCACIÓN EN TIEMPOS DE PANDEMIA**

---

**Francisca Maria Ramos Silva**

Graduada em Ciências Humanas / Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo.

E-mail: [Charlottefran@outlook.com.br](mailto:Charlottefran@outlook.com.br)

**Amanda Gomes Pereira**

Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade no Estado do Rio de Janeiro/ UERJ. Professora Adjunta de Sociologia no Curso de Ciências Humanas, Campus São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão/UFMA. Coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero e Educação Chita/ Gitã.

E-mail: [agpereiramg@gmail.com](mailto:agpereiramg@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7174-3843>

---

**RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo mostrar as dinâmicas de reprodução da desigualdade social no interior do sistema educacional bernardense, evidenciando as relações de poder imbricadas nesse cenário, principalmente em momentos de dificuldades do período da pandemia o que levou o aumento das desigualdades sociais e conservação da classe dominante. A partir de uma pesquisa realizada em duas escolas públicas municipais de São Bernardo-MA, localizadas uma, na zona rural e outra na área urbana, que teve início em junho de 2021 até março de 2022. Diante disso, busca-se entender quais ações são desenvolvidas pela escola e que repercutem no combate a reprodução da desigualdade social, apontando as dificuldades enfrentadas pelos estudantes de classe baixa durante a pandemia tanto da zona rural quanto da zona urbana. A finalidade é descrever e entender os impactos da pandemia no acesso à educação por estudantes moradores da zona rural e alunos residentes da zona urbana. Desse modo, nos debruçaremos e buscaremos compreender como está todo esse processo, mostrando como os professores estão lidando com esse cenário de desigualdade social que se evidenciou ainda mais nesse período da pandemia e como os alunos reagiram a essa nova modalidade de ensino. Neste período da pesquisa pode-se constatar as dificuldades dos professores em manusear os aparelhos tecnológicos e no processo de avaliação dos alunos. Já os alunos apresentaram dificuldades de acesso à internet de boa qualidade e a aparelhos tecnológicos.

**Palavras-chave:** Desigualdade social, Educação Básica, Ensino Remoto, Pandemia.

**ABSTRACT**

The present work aims to show the dynamics of reproduction of social inequality within the educational system, highlighting the power relations intertwined in this scenario, especially in times of difficulties during the pandemic period, which led to an increase in social inequalities and conservation of the class dominant. Based on a survey

carried out in two municipal public schools in São Bernardo-MA, one located in the rural area and the other in the urban area, which began in June 2021 until March 2022. Are developed by the school and that have an impact on combating the reproduction of social inequality, pointing out the difficulties faced by lower-class students during the pandemic in both rural and urban areas. The purpose is to describe and understand the impacts of the pandemic on access to education by students living in rural areas and students living in urban areas. In this way, we will look into and try to understand how this whole process is going, showing how teachers are dealing with this scenario of social inequality that was even more evident in this period of the pandemic and how students reacted to this new teaching modality. In this period of the research, it was possible to verify the difficulties of the teachers in handling the technological devices and in the process of evaluating the students. As for the students, the difficulties of accessing good quality internet and access to technological devices.

**Keyword:** social inequality, education, pandemic.

## RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo mostrar la dinámica de reproducción de la desigualdad social al interior del sistema educativo, resaltando las relaciones de poder entrelazadas en este escenario, especialmente en momentos difíciles durante el período pandémico, que llevaron al aumento de las desigualdades sociales y a la conservación de la clase dominante. A partir de una investigación realizada en dos escuelas públicas municipales de São Bernardo-MA, ubicadas una en el área rural y otra en el área urbana, que comenzó en junio de 2021 hasta marzo de 2022. Ante esto, buscamos comprender qué acciones se desarrollan por la escuela y repercuten en el combate a la reproducción de la desigualdad social, poniendo de relieve las dificultades que enfrentaron los estudiantes de clases bajas durante la pandemia tanto en áreas rurales como urbanas. El propósito es describir y comprender los impactos de la pandemia en el acceso a la educación de estudiantes que viven en áreas rurales y estudiantes que viven en áreas urbanas. De esta manera, nos enfocaremos y buscaremos comprender cómo va todo este proceso, mostrando cómo los docentes están enfrentando este escenario de desigualdad social que se hizo aún más evidente durante el período de pandemia y cómo reaccionaron los estudiantes ante esta nueva modalidad de enseñanza. Durante este período de investigación se evidencian las dificultades de los docentes en el manejo de los dispositivos tecnológicos y en el proceso de evaluación de los estudiantes. Los estudiantes ya enfrentan dificultades para acceder a Internet de buena calidad y a dispositivos tecnológicos.

**Palabras clave:** Desigualdad social, Educación Básica, Educación a Distancia, Pandemia.

## 1 INTRODUÇÃO

A desigualdade social é considerada um dos maiores problemas do mundo, afetando a maioria da população brasileira, e se constituindo como um elemento presente, evidente e muitas vezes negligenciado nas escolas, percebe-se isso na maneira como os componentes curriculares são colocados aos alunos de maneira igualitária.

No cotidiano escolar, há uma diversidade de sujeitos oriundos de diferentes classes sociais, permanecendo em desvantagens com essa igualdade. Nesse cenário, tais desigualdades afetam principalmente os direitos mais básicos de um indivíduo, como o acesso à escola, saúde, trabalho, moradia, ou seja, direitos a uma qualidade de vida melhor, restringindo o acesso a oportunidades iguais.

Nesse sentido, a desigualdade social se legitima na escola, ambiente em que as pessoas menos favorecidas são mais desfavorecidas por não possuírem acesso a determinado capital cultural, reconhecidamente valorizados pela classe dominante, hegemônica e detentora

das engrenagens que hierarquiza saberes. A desigualdade social é reflexo da distribuição desigual do capital econômico de uma determinada sociedade, mas também de outros capitais, tais como social, cultural e simbólico<sup>1</sup>. Assim, cabe as instituições escolares analisarem criticamente em que medida atuam como reprodutoras das desigualdades sociais, ou como agentes transformadores desse contexto social, atrelado a um acesso desigual de oportunidades.

O interesse neste tema surgiu após a minha inserção no ambiente escolar num curto período em que tive oportunidade de lecionar em duas escolas, sendo uma, na sede do município de São Bernardo, no Estado do Maranhão, e outra na zona rural desse mesmo município. Ademais, a minha própria trajetória escolar em um reflexo desse contexto.

No entanto, vale ressaltar uma experiência similar a essa pesquisa, na qual fizemos parte de um projeto do PIBID (Programa de Iniciação à Docência), da Universidade Federal do Maranhão, no qual participei como bolsista no período de 01 de novembro de 2020 até 30 de abril de 2022.

O projeto foi direcionado a uma escola estadual de São Bernardo na qual aplicamos questionários aos alunos e finalizamos com a produção de uma cartilha<sup>2</sup> intitulada *O racismo presente nas palavras e expressões no português Brasileiro*. Neste período pudemos observar como era a dinâmica dos alunos dessa escola, na qual parte deles eram de lugares da zona rural e como as desigualdades sociais afetavam no período da pandemia.

Também pudemos contar com a contribuição do supervisor Jaison Castro, que nos relatou as dificuldades enfrentadas durante a pandemia e principalmente a falta de infraestrutura da escola no retorno as aulas presenciais. Assim como nessa pesquisa foi possível perceber que o acesso a determinados capitais, garantia o sucesso ou fracasso escolar – destacando que, o interesse, não é apresentar essa relação de maneira determinista, mas que a desigualdade é fator determinante na vida dos estudantes.

Portanto, as escolas<sup>3</sup> escolhidas para contribuir com a pesquisa são da cidade de São Bernardo-MA, localizadas no Baixo Parnaíba Maranhense, que tem aproximadamente 28.825 pessoas, segundo dados de 2021. O município tem 84 anos de emancipação política e

---

<sup>1</sup> O capital simbólico é um crédito, é o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento: assim, o poder de constituição, poder de fazer um novo grupo, através da mobilização, ou de fazer existir por procuração, falando por ele enquanto porta-voz autorizado, só pode ser obtido ao término de um longo processo de institucionalização, ao término do qual é instituído um mandatário, que recebe do grupo o poder de fazer o grupo. (BOURDIEU, 2004, p. 166).

<sup>2</sup> [https://drive.google.com/file/d/1cOU4I3C5nCnVZeR-\\_pH4ZYoeKwQ5xR4\\_/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1cOU4I3C5nCnVZeR-_pH4ZYoeKwQ5xR4_/view?usp=sharing)

<sup>3</sup> Todos os nomes tanto de escolas como de alunos, professores e gestores são fictícios

possui 43<sup>4</sup> unidades escolares municipais no geral, estando divididas entre sede e zona rural, sendo 14 escolas localizada na sede e 29 escolas na zona rural localizadas em vários povoados pertencentes a São Bernardo, e tem 492<sup>5</sup>, professores oficiais. A escola escolhida da sede para essa pesquisa se localiza no centro da cidade e a escola localizada na zona rural fica a 10 km de distância da cidade onde são recebidos alunos aproximadamente de 5 localidades diferentes na escola da zona rural.

A religião que predomina no município de São Bernardo/MA é a católica com aproximadamente 82.99%<sup>6</sup> da população, praticante. E embora os evangélicos tenham ganhado cada vez mais forças com a expansão do número de igrejas, ainda somam apenas 11,08% dessa população. A cidade é cheia de eventos religiosos e festividades ficando localizada num ponto estratégico onde faz fronteiras com Luzilândia, Magalhães de Almeida, e São Quitéria.

Diante desse diagnóstico, dos aspectos sociais, torna-se relevante trazer a discussão o processo de reprodução de desigualdades sociais presentes na realidade educacional do município. Assim, partimos de algumas questões: a escola se preocupa com o seu papel na transformação social? Luta para que, através dela, seus agentes se transformem em mitigadores dessa desigualdade que tanto nos assombra?

A desigualdade social afeta diariamente milhares de estudantes em todo o país. A partir da análise feita através desta pesquisa, buscamos compreender as dificuldades produzidas fora da escola, mas que acabam por reforçar-se dentro dela. O que se percebe cada vez mais, é a desigualdade tornando-se elemento presente no cotidiano escolar, principalmente em pequenas cidades, onde podemos encontrar diferentes grupos sociais que vivem diariamente e passam pela crise da desigualdade social, a pandemia nos propulsiona uma visão mais atenta às desigualdades já existentes.

Em um contexto pós-pandêmico ou seja já não estamos mais em uma pandemia, devido a diminuição e propagação do vírus que se deu após uma grande quantidade de pessoas tomarem a vacina contra a Covid-19, mostrando eficácia na diminuição e propagação do vírus, neste sentido já estamos vivenciando, atualmente o retorno das aulas presenciais que ocorreram no primeiro período de 2022, neste sentido precisa de uma maior atenção, priorizando os estudantes e dando total atenção, pois uma cidade como São Bernardo, localizada no interior

---

<sup>4</sup> Informações coletada na secretaria Municipal de Educação Ciências Tecnológicas e Inovação, de São Bernardo -MA. Obtida através da supervisora Maria Ivana Costa Santos- setor SEMECTI.

<sup>5</sup> <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-bernardo/pesquisa/13/78117>

<sup>6</sup> [https://www.estadosecidades.com.br/ma/sao-bernardo-ma\\_religioes.html](https://www.estadosecidades.com.br/ma/sao-bernardo-ma_religioes.html)

do Estado do Maranhão, as dificuldades serão evidentes, ainda mais cujos índices socioeconômicos apontam que:

Do ponto de vista do rendimento médio mensal, os trabalhadores de São Bernardo recebem em torno de 1,5 salários mínimos. Os domicílios não representam a garantia de segurança sanitária para as famílias que nele residem, com apenas 11,1% deles com tratamento de esgoto adequado. Com relação ao abastecimento de água, o atendimento é parcialmente ofertado pela Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão (CAEMA). Na área urbana, 56% da população tem acesso ao sistema de água encanada. Na área rural, 47% da população tem acesso adequado à água por meio de poços coletivos e individuais, segundo o Relatório Final do Plano Municipal de Saneamento Básico e Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos. Na situação em que nos deparamos atualmente, que nos impõe a necessidade de novos hábitos de higiene como forma de prevenção da doença, esses dados são sintomáticos de como as consequências das desigualdades abarcam variados aspectos. (COLASANTE & PEREIRA, 2021, p. 207)

Nesse sentido, faz-se necessária uma reflexão a partir da compreensão e percepção dos contextos sociais, em que os estudantes estão inseridos, desse modo, os professores, gestores, ou seja, toda equipe escolar planeja seus conteúdos e sua atuação frente a um cenário tão adverso. É fato que cada aluno se encontra inserido no espaço social diferente, e cada espaço determina e possibilita a cada um, diferente estilo de vida, pois segundo Bourdieu (2004) a percepção do mundo social é produto de uma dupla estruturação que pode apresentar diferentes estilos de vida e possibilidades desiguais como ressalta:

O espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida. Assim, a percepção do mundo social é produto de uma dupla estruturação: do lado objetivo, ela é socialmente estruturada porque as propriedades atribuídas aos agentes e instituições apresentam-se em combinações com probabilidades muito desiguais: assim como os animais com penas têm mais possibilidade de ter asas do que os animais com pêlo, assim também os possuidores de um domínio refinado da língua têm mais possibilidade de serem vistos nos museus do que aqueles que são desprovidos desse domínio. (BOURDIEU, 2004, p. 160-161).

Pois de fato, o espaço social que estamos inseridos interfere no conhecimento e desenvolvimento no âmbito escolar. Ao longo da vida o espaço social é fator determinante para nossos conhecimentos e, conseqüentemente, mudar a realidade social e obviamente que a educação é fato importante e principal nessa trajetória do indivíduo, mesmo que a escola seja um ambiente iniciado pela burguesia, ela ainda é a única esperança para uma pessoa alcançar seus objetivos enquanto cidadãos e profissionais.

Portanto, esse trabalho faz um trajeto mostrando e evidenciando os resultados da pesquisa com relatos e gráficos coletados no período pandêmico.

## **2 MAPEAMENTO DO PERCUSO METODOLÓGICO**

Essa pesquisa iniciou-se com a elaboração do projeto, e foi realizada em duas escolas de São Bernardo, uma localizada na zona rural e outra na zona urbana. Essa pesquisa foi feita com alunos de 10 a 15 anos de turmas diferentes 5º ano e 7º ano sendo direcionada também a alguns professores da rede básica, utilizando a metodologia quantitativa e qualitativa, com a aplicação de questionários semiestruturado.

No primeiro momento da pesquisa foi feito um levantamento bibliográfico em que me aprofundei e estudei obras que contribuíram teoricamente para análise do tema proposto e o enriquecimento da mesma, como: Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da Autonomia, Escritos de Educação, entre outras. Obras de autores como Paulo Freire, Bourdieu, Passeron entre vários outros. Um segundo passo foi a busca dos locais ao quais seria realizada a pesquisa de campo, sendo assim, damos prosseguimento a etapa da pesquisa qualitativa e quantitativa. A pesquisa qualitativa segundo Silveira e Córdova tem como características:

[...] objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. (SILVEIRA E CÓRDOVA, 2009, p. 32).

Nesta pesquisa, buscamos compreender os fatores sociais relacionados a reprodução da desigualdade social no âmbito escolar. Ao fazer isso, através da realidade vivenciada, ao qual dediquei-me ao objetivo maior de obter informação e compreender os efeitos da pandemia nas escolas de São Bernardo/MA, obtendo informações que pautem ações que visam compreender e descrever práticas entrelaçadas aos processos de vulnerabilidade e precarização, resultados da desigualdade social, posto como resultados desta pesquisa.

A falta de expectativa quanto às possibilidades de mobilidade social a partir do ensino foi um elemento a ser mapeamento com o intuito de mensurar em que medida essa falta afeta diretamente a evasão escolar e sucesso do mesmo, criando um círculo vicioso entre gerações familiares inseridos em processos de exclusão social.

No terceiro momento, já com a escolha das escolas bases dessa pesquisa, parti para a apresentação da temática às diretoras das escolas em que foi aplicada a pesquisa. Primeiramente, entrei em contato com a gestão da Escola Municipal José de Farias, sendo o contato, por conta da pandemia, 100% on-line, utilizando os aplicativos de redes sociais para entrar em contato com a direção e vários professores dessa escola. No entanto, tive auxílio de

uma sobrinha que estuda nesta escola da zona rural que manteve um elo entre mim e os professores da escola.

Em uma primeira etapa, a pesquisa direcionou-se para professores entrevistados integrantes da rede pública da zona rural e urbana de São Bernardo. Dessa forma, buscamos entender o papel da escola em relação a desigualdade social e se realmente ela alcança os objetivos ou refaz ainda as dinâmicas de reprodução da desigualdade social.

A pesquisa ocorreu através de questionários, enviados aos alunos e professores das escolas, conversas e relatos através do WhatsApp e algumas visitas na escola, seguindo todos os protocolos de segurança estabelecidos pela Organização Mundial de Saúde, por conta da pandemia da SARS-CoV2<sup>7</sup>.

As entrevistas com os professores das escolas, já mencionadas nessas linhas foram vistas como cruciais, pois, segundo Lakatos e Marconi:

A entrevista é importante instrumento de trabalho nos vários campos das ciências sociais ou de outros setores de atividades, como da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia Social, da Política, do Serviço Social, do jornalismo, das Relações Públicas, da pesquisa de Mercado e outras (LAKATOS E MARCONI, 2003, p. 196).

As entrevistas através de questionários e relatos de professores foram pontos centrais nessa pesquisa, e foram feitas mediante a pesquisa em contexto de pandemia, para proteção da pesquisadora, dos entrevistados e entrevistadas, respeitando as medidas de segurança sanitária. Assim, esses diferentes momentos objetivaram avaliar como cada ator inserido nesse contexto foi afetado e se organizou para elaborar estratégias de enfrentamento à crise sanitária, mantendo suas atividades de docência e aprendizagem.

A pesquisa teve algumas dificuldades, pois, no decorrer da pesquisa de campo foi preciso mudar de uma escola ao qual já havia sido escolhida como campo de pesquisa, devido à problemas relacionados ao cenário pandêmico. Neste momento não tive como estar nesta escola pelo alto índice de casos de Covid-19, diante esse cenário conversei com a professora que iria me auxiliar na pesquisa, e sugeri que a mesma me colocasse nas aulas on-line ou nos grupos que estavam os alunos para explicar os questionários que seriam enviados até eles, logo a professora aceitou, no entanto, pouco tempo depois a professora falou que eu teria que falar com pais pessoalmente na escola no dia da entrega das atividades. Mas, eu não me sentia segura

---

<sup>7</sup> O SARS-CoV-2, também conhecido como novo corona vírus, é uma cepa identificada em 2019 que, infelizmente, tem algumas características genéticas que o tornam mais transmissível e capaz de causar quadros clínicos mais graves.

e me encontrava num momento de isolamento por medo da Covid-19, dessa forma, acabei direcionando à pesquisa para outra escola.

Um dos grandes desafios da escola da sede foi o recebimento dos questionários dos alunos que ao se distrair o professor da turma escolhida acabou devolvendo o mesmo junto às atividades que recebia para a correção, mesmo já estando ciente da pesquisa, o que acabou dificultando esse retorno. Sendo assim, foi preciso um novo envio junto ao caderno de atividades dos alunos, em que tivemos que aguardar, lembrando que, como ressalta Gil, na pesquisa quantitativa também há problemas na recepção dos dados:

É impossível negar que o cientista social lida com variáveis de difícil quantificação. Também é difícil discordar da alegação de que o grande adiantamento de uma ciência pode ser determinado pela precisão de seus instrumentos de medida. Contudo, o problema da quantificação em ciências sociais, se analisado com a merecida profundidade, mostrar-se-á bem menos crítico do que aparenta. (GIL, 2008, p.23)

É impossível para nós pesquisadores permanecemos totalmente estranhos ao que pesquisamos, uma vez que estamos imersos em muitas questões sociais, questões essas que estamos diretamente inseridos no dia a dia. Na realidade, o que temos que entender que mesmo envolvidos diretamente temos que ficar atentos ao que queremos trazer ao nosso leitor, pois segundo Gil:

Frente aos fatos sociais, o pesquisador não é capaz de ser absolutamente objetivo. Ele tem suas preferências, inclinações, interesses particulares, caprichos, preconceitos, interessa-se por eles e os avalia com base num sistema de valores pessoais. Diferentemente do pesquisador que atua no mundo das coisas físicas – que não se encontra naturalmente envolvido com o objeto de seu estudo -, o cientista social, ao tratar de fatos como criminalidade, discriminação social ou evasão escolar, está tratando de uma realidade que pode não lhe ser estranha. Seus valores e suas crenças pessoais o informam previamente acerca do fenômeno, indicando se é bom ou mau, justo ou injusto (GIL, 2008, p. 24).

Passamos por essas angústias ao escolhermos o nosso objeto de estudo, uma vez que estivemos envolvidos diretamente com a temática ou pela curiosidade que nos mobilizou para querermos estudá-las, até para tentar compreender determinado contexto e os sujeitos inseridos. Principalmente na escola da zona rural, Escola Jose de Farias, onde obtivemos parte da trajetória escolar, num primeiro momento, tivemos uma conversa com a diretora, apresentamos a proposta da pesquisa e ficamos à disposição para conversar com os professores e alunos.

Tivemos um grande retorno dos questionários que foram enviados para os estudantes em junho de 2021, tendo um melhor retorno numa turma de 23 alunos do 7º ano, pois, recebemos 20 dos questionários enviados, já na turma da 5º ano recebemos apenas 7 questionários de uma turma de 20 alunos da zona rural; já na zona urbana turma de 20 anos



recebemos 10 questionários respondidos. No entanto, nessa escola houve alguns problemas que geraram o envio desses questionários duas vezes.

Desta mesma escola foi possível assistir algumas aulas on-line, o que nos permitiu entender mais a dinâmica das atividades dessa escola. Os professores foram bem receptivos ao responder nossas perguntas através dos questionários e conversas pelo *WhatsApp*, ao contrário da escola da zona urbana em que tivemos alguns problemas quanto ao retorno dos questionários tanto dos alunos quanto dos professores.

Não sabemos se pelo desgaste do momento ou pelo acúmulo de atividades durante a pandemia, na Escola Maria do Rosário o retorno dos questionários foi abaixo do esperado. Numa turma de 20 alunos o retorno foi de 10 alunos, turma do 5º ano, no entanto, vale ressaltar que por morar na cidade dessa escola facilitou colher algumas informações, por fim, conseguimos as informações desejadas sobre o tema proposto.

Apesar da pandemia, foi possível realizar a pesquisa com apoio de questionários e das redes sociais, tendo acesso a conversas informais com alguns professores, em que pudemos debater sobre todos os desafios desse período, bem como as inúmeras dificuldades enfrentadas no decorrer das atividades escolares.

Essa pesquisa foi muito relevante, pois pesquisar algo que envolve a educação vai além das nossas expectativas. Pensar sobre o sistema educacional contribuiu para que nos debruçássemos não somente acerca dos dados, mas também sobre as obras de autores que tratam a temática a fim de enriquecer este trabalho. Por isso, a pesquisa nos trouxe um leque de oportunidades, ao mesmo tempo em que procuramos passar ao leitor um trabalho relevante também aprendemos cada vez mais com a pesquisa. Como ressalta Freire:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo, buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p.14)

Portanto, a pesquisa torna-se cada vez mais importante, pois através dela, ao mesmo tempo que aprendemos, ensinamos muito, pois tudo que encontramos na pesquisa procuramos passar ao leitor, ou seja, comunicar a novidade, como Paulo Freire ressaltou.

Essa é a proposta dessa pesquisa, trazer aos leitores todo processo e dificuldades no ensino durante a pandemia, partindo de duas escolas em contextos diferentes, com coleta de dados tanto de professores quanto de alunos. Assim, conseguimos ter uma melhor noção do que se passou na educação no município de São Bernardo/MA, no período da pandemia.

### 3 EDUCAÇÃO E DESIGUALDADE SOCIAL NO BRASIL

As desigualdades sociais no Brasil, continuam a ser um grande problema ao qual temos que enfrentar diariamente, uma vez que é a realidade de milhões de brasileiros, e com a atual crise provocada pela pandemia gera inúmeras incertezas e impacta diretamente pessoas com maiores vulnerabilidades sociais. A desigualdade que já é enraizada no Brasil, tomou maiores proporções provocadas pela crise, esse abismo social ao qual nos encontramos começa quando a má distribuição de renda que impacta diretamente a educação, provoca a desigualdade educacional.

É evidente que quem possui uma concentração de renda maior, tem maiores acesso e sucesso na educação, pois possuem maiores vantagens e acesso a elementos que contribua para seu aprendizado ou seja o indivíduo com maior concentração de renda tem acesso ao capital cultural mais valorizado na escola pois lhe proporciona certas vantagens. Mas o que seria o capital cultural é um conjunto de conhecimentos ou habilidades adquiridas no meio social que estamos inseridos, Bourdieu utiliza esse conceito para análise de classe na sociedade, ou seja, utiliza para entendemos como a cultura reflete nas condições de vida do estudante, no sucesso escolar e na sociedade de modo geral, e como isso estar refletido nas desigualdades sociais.

A noção de capital cultural impõe-se primeiramente como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade no desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso escolar”, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, a distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe. Bourdieu (2015, p. 81).

Esse conceito de capital cultural é extremamente importante, pois nos mostra o tamanho das desigualdades sociais e como agem no processo de manutenção das mesmas e a partir dele que determina o sucesso de um estudante no ambiente escolar

A escola serve tanto para diminuir ou reproduzir a desigualdade social, no entanto não é o papel que esperamos da mesma. Entretanto acaba por acontecer dentro dessas instituições determinadas questões como: distinções, diferenças e desigualdades. Neste sentido a escola também separa e classifica os indivíduos como ressalta a seguir:

Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização (LOURO, 1997, p. 57).

A escola serve também para separar os sujeitos diferentes uns dos outros, ditar regras, comportamentos conscientes ou inconscientemente. Além de exercer um papel de suma importância, não podemos deixar de destacar que é através dela que o estudante passa a ter a chance de mudar sua realidade, passando a ser um cidadão crítico, mas também temos que ficar alerta com o poder que a escola exerce sobre o indivíduo, pois de acordo com Louro:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. (LOURO, 1997, p. 58)

Por certo que a escola é acolhedora e passa a ter um papel de diminuição da desigualdade extremamente importante na vida do indivíduo, mas inconscientemente também a reproduz devido a sua gênese. Como Louro (1997) ressalta, a escola delimita espaços, separa indivíduos de acordo com suas diferenças e classes, isso porque a escola é fruto da burguesia e há resquícios do papel inicial da escola voltada para determinada classe, embora já tenha se modificado, pois hoje a escola é direcionada a todos.

O importante papel que a escola exerce na vida dos indivíduos primeiramente de desenvolvimento social, porém vai muito mais além. Por isso, a necessidade da participação da comunidade no papel de conhecer o ambiente escolar, é extremamente importante para se ter uma noção do real papel da mesma na vida dos estudantes e da comunidade em geral.

### **3.1 O impacto da pandemia na reprodução das desigualdades**

O ano de 2020 foi marcado pelo surgimento do primeiro caso de infecção pelo vírus da COVID-19 no Brasil, e pela situação calamitosa de uma pandemia com consequências mundiais. De acordo com a OMS a COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2<sup>8</sup> e tem os seguintes sintomas febre, cansaço e tosse seca, também podem ocorrer perda de paladar ou olfato, congestão nasal, conjuntivite, dor de garganta, dor de cabeça, diarreia, calafrios ou tonturas. No Brasil, a propagação desse vírus fez com que as escolas fechassem as portas, assim como outras instituições de ensino (universidades e institutos educacionais, por exemplo).

---

<sup>8</sup>Informações retiradas do site: <https://www.paho.org/pt/covid19#:~:text=A%20COVID%2D19%20%C3%A9%20uma,febre%2C%20cansa%C3%A7o%20e%20tosse%20seca.acesso> em 10-06-2022.

Neste cenário alarmante, as instituições tiveram que se adaptar, migrando para uma modalidade remota de ensino, seguindo as normas de decretos municipais e estaduais. Assim, por meio de um decreto: “Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo Coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC n.º 343, de 17 de março de 2020, n.º 345, de 19 de março de 2020, e n.º 473, de 12 de maio de 2020”. Diante disso, fez-se necessário uma nova organização do calendário escolar, em que foi necessário o estabelecimento de novos procedimentos para se pensar como adotariam as aulas, que até aquele momento estavam paradas, buscando minimizar possíveis danos aos alunos e alunas.

Porém, os desafios apenas começavam, pois, o novo modelo que teria que ser implantado, um modelo emergencial, exigiu dos educadores investimento e tempo de adaptação. Além disso, para que ocorresse com sucesso, os estudantes teriam que ter acesso a meios tecnológicos para evitar possíveis danos e obter um maior desempenho. Só que, infelizmente, nem todos os alunos e alunas tem acesso a rede de internet, o que dificulta ainda mais o trabalho dos professores.

Como apontam pesquisas, o acesso à rede mundial de comunicadores pela população brasileira é limitado, estando reduzido a uma pequena parcela da população. Além disso, nos lares brasileiros, há escassez de acesso a determinados objetos eletrônicos, tais como computadores, celulares e tablets. Com o agravamento da crise econômica, e o aumento do desemprego entre a população, o acesso a esses produtos se tornou ainda mais difícil e precário.

Segundo dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios Contínua (PNAC), em 2019, o estado do Maranhão possuía o 2º menor percentual de acesso à internet, com 67,4% dos lares possuindo acesso à rede mundial de computadores<sup>9</sup>.

Diante disso, o sistema educacional passou a possuir um papel fundamental no processo de resistência a reprodução das desigualdades sociais, pois as escolas exercem estratégias que possibilitam melhores condições de avançar na vida, social e economicamente. Para isso acontecer, os profissionais da educação precisam escapar ao risco de manter metodologias tradicionais de ensino e de querer apenas depositar conhecimento, ou seja, tratar o aluno como baús onde se depositam conhecimentos totalmente passivos, como destaca Paulo Freire com o seu conceito de educação bancária. Nele, o autor salienta que: “Desta maneira, a

---

<sup>9</sup> Para mais detalhes, acesse reportagem a seguir:  
<https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2021/04/14/maranhao-tinha-o-2o-menor-percentual-de-domicilios-com-internet-do-pais-em-2019-diz-ibge.ghtml> Acesso em 06 de novembro de 2021.

educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (FREIRE, 1987, p. 33).

Ainda hoje, em pleno século XXI, ainda se reproduz esse modelo de ensino ressaltado por Paulo Freire (1987), e diante do que estamos vivenciando nesse contexto pandêmico, esse modelo de ensino nada tem a agregar aos estudantes, principalmente aos que passam por maiores dificuldades relacionadas às desigualdades sociais, em especial à desigualdade de acesso à internet.

Se compararmos estudantes de área urbana com estudantes de área rural, podemos observar que as chances de estudantes das zonas rurais ou locais afastados da cidade alcançarem êxito escolar é bem inferior, e este trabalho procura identificar justamente essas dificuldades. Por isso, para mapearmos uma gama de fatores que interferem nas dinâmicas de reprodução, optamos pela realização de pesquisa qualitativa, com aplicação de questionários, tabulação e apresentação dos dados.

Um dos maiores problemas do Brasil é a desigualdade social e, com a pandemia da Covid-19, isso só ampliou ainda mais essa desigualdade, principalmente os que já se encontravam em maior vulnerabilidade, incluindo uma grande quantidade de estudantes – o nosso foco principal.

A desigualdade social nos leva a pensar e refletir sobre quão grande essa desigualdade é e o quanto ela distancia as pessoas. O Brasil figura entre os países mais desiguais do mundo. Tal fato acentua-se, principalmente, nos bancos escolares e se interliga diretamente à questão econômica. Desse modo, a falta de dinheiro intensifica disparidades de acesso entre camadas sociais, repercutindo sucesso ou fracasso escolar. Segundo Bourdieu (2015), a escola possui um papel de destaque no processo de reprodução da desigualdade social. O autor aponta que:

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora” quando ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural (BOURDIEU, 2015, p. 45).

Enquanto se prega que a escola serve para diminuição da desigualdade social, ela também reproduz essa desigualdade, legitimando-a através do fracasso escolar. Portanto, se o estudante abandona o sistema educacional e se insere em postos de trabalhos precários, passa a se dedicar ao subemprego, ou, ainda se ao final da carreira escolar não obtém sucesso, ele se

torna o principal responsável pelo seu fracasso perante a sociedade, sem ser inserido em todo esse contexto social desfavorável que contribui para a reprodução das desigualdades.

Muitas vezes a escola prega uma coisa e seus colaboradores fazem outra, tratando amiúde os educandos como meros “baús”, como já mencionado e apresentado por Paulo Freire (1987) em seu conceito de educação bancária. A única ação oferecida aos educandos é de recebimentos de conhecimentos, o que para Paulo Freire causa uma distorção na educação:

Na visão “bancária” da educação, o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual está se encontra sempre no outro (FREIRE, 1987, p. 33).

Nesse caso, os estudantes passam a ser oprimidos, vistos como meros objetos pelos professores, oriundos de classes sociais distintas da sua e possuindo um capital cultural superior. Estudantes que deixam ser oprimidos, acabam alunos afetados por práticas que reproduzem violências simbólicas<sup>10</sup>, vendo seus saberes tradicionais, atrelados às suas origens, menosprezados e causando danos psicológicos, pois a violência simbólica ocorre sem a necessidade de violência física de forma invisível, na maioria das vezes de forma suave que se utiliza como processos sociais para dominação que pode causar danos irreparáveis, ou seja, danos morais e psicológicos ao indivíduo. Segundo Bourdieu (2015) é um processo de coerção.

Os estudantes, ao chegarem nas escolas, já trazem consigo capitais culturais observados pelos professores ou por membros da sua família, como uma espécie de dom natural, inato, quando são na verdade fruto de processos de socialização. A hierarquia social estruturante de uma sociedade tão desigual como a nossa, legitima determinados capitais culturais e desvaloriza outros. Diante disso, podemos compreender que tudo vai depender do capital adquirido pelo indivíduo, ou seja, o capital social.

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de interreconhecimento ou, em outros termos à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles

---

<sup>10</sup>A violência simbólica é essa coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (portanto, à dominação), quando dispõe apenas, para pensá-la e para pensar a si mesmo, ou melhor, para pensar sua relação com ele, de instrumentos de conhecimento partilhados entre si e que fazem surgir essa relação como natural, pelo fato de serem, na verdade, a forma incorporada da estrutura da relação de dominação; ou então, em outros termos, quando os esquemas por ele empregados, no intuito de se perceber e de se apreciar, ou para perceber e apreciar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.) (BOURDIEU, 2001, p. 206-207).

mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 2015, p. 75).

O capital social do indivíduo impacta diretamente no sucesso em sua trajetória de vida, e esse mesmo capital social vai depender das suas relações e até mesmo do capital econômico e cultural adquirido, e isso, dentro do sistema educacional determina até mesmo o desempenho do aluno quanto ao sucesso ou o fracasso. Assim, como ressalta:

A noção de capital cultural impõe-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso escolar”, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe. Este ponto de partida implica uma ruptura com os pressupostos inerentes, tanto à visão comum que considera o sucesso ou fracasso escolar como efeito das “aptidões” naturais quanto às teorias do “capital humano” (BOURDIEU, 2015, p. 81):

O estudante inserido em contexto social de estratos inferiores da sociedade, terá menores chances de adquirir um capital cultural valorizado socialmente, não adquirindo uma bagagem prévia de conhecimento suficiente para ter um desenvolvimento escolar considerado de sucesso. Com isso, ele já entra na escola com desvantagem e isso pode levar ao fracasso escolar, além da sensação de estar em um lugar do qual não faz parte. Há ainda um agravante dele se sentir responsável pelo próprio fracasso.

Nessa questão da legitimidade da desigualdade social no sistema educacional, faz-se necessário pensar a melhoria de políticas públicas e aprimorar as formações de professores, para assim, fornecer aos alunos que vivem diariamente as dificuldades relacionadas à desigualdade socioeconômica, uma melhor assistência na escola. Deste modo, não havendo concordância com a legitimação, e até mesmo a reprodução da desigualdade social na escola.

De acordo com Bourdieu: “Concordar-se á facilmente, e talvez até facilmente demais, com tudo o que precede. Mas restringir-se a isso significaria abdicarmos de nos interrogar sobre a responsabilidade da escola na perpetuação das desigualdades sociais” (BOURDIEU 2015, p. 58). A escola por muito tempo foi posta assumindo um papel na mitigação da desigualdade social, e por meio dela esperávamos que a educação garantisse ao indivíduo a igualdade de oportunidade entre todos e todas.

A competência que atribuímos à escola é transformadora e democrática, mas, segundo Bourdieu (2015) a escola não é neutra e acaba por favorecer a reprodução e a disseminação da ideologia da classe dominante. Nesse ponto, cabe destacar que sabemos que nem todos temos o mesmo capital cultural. Tal fato nos torna vulneráveis e desfavorecidos na

escola, principalmente no que tange ao crescimento escolar. Sobre o capital cultural Bourdieu (2015) sublinha o seguinte:

Na realidade, cada família transmite a seus filhos mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito (BOURDIEU, 2015, p. 46)

De fato, todos recebemos um certo capital cultural, mas esse se modifica se ampliando quando temos experiências novas, conhecemos novas culturas, frequentamos lugares diferentes dos habituais (como: museus, teatros, cinemas, bibliotecas, etc.), e isso tudo modifica o acesso que tínhamos aos capitais culturais de origem. Portanto, percebe-se que a vulnerabilidade socioeconômica, e a falta de equipamentos privados e públicos que propicie o acesso a esses conhecimentos culturais, afeta na distribuição dessas capitais. Diante disso, podemos pensar em como melhores políticas públicas auxiliam para que mais pessoas possam ter acesso a oportunidades iguais.

Devido isso, a escola faz distinção e privilegia quem tem um certo capital cultural, pois tem um papel fundamental na construção e formação dos estudantes, o que acaba por selecionar estudantes privilegiados, uma vez que, geralmente, a pessoa que possui acesso ao maior capital cultural, possui também capital econômico e social. Segundo Bourdieu (2015), isso causa um desfavorecimento aos mais desfavorecidos.

Com efeito para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura (BOURDIEU, 2015, p. 59).

Por isso a necessidade de garantir o direito a todos e todas, independentemente de classe social. Nesse sentido, torna-se necessário cada vez mais investimentos na formação de professores, pois sabendo-se que as desigualdades sociais, principalmente a socioeconômica interferem diretamente no rendimento escolar de boa parte dos alunos afetados, e mesmo com inúmeras transformações ao longo dos anos nos avanços com relação à educação, a escola pode e deve ser agente de transformação da vida do aluno.

Conforme a Constituição Federal de 1988: “Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua



qualificação para o trabalho”. Mas será que realmente esse direito está sendo posto em prática, garantindo uma educação de qualidade a todos? Em seguida vem o artigo que dispõe sobre o ensino: “Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”. Dessa maneira, presume-se igualdade de condições a todos e todas. Entretanto, no dia a dia, o que estamos vendo são as desigualdades alavancando cada vez mais.

A realidade é que nem todos temos a mesma igualdade de condições para a permanência nas escolas, tanto que acaba acontecendo uma grande evasão escolar. O que ocorre é que muitas vezes o aluno não consegue acompanhar os colegas e acaba desistindo da sua trajetória escolar.

### **3.2 Desafios da Educação para os estudantes da região rural e urbana em meio a pandemia**

Os professores, ao serem questionados sobre os desafios enfrentados pelos estudantes da região rural durante a pandemia, destacaram que os mesmos já passavam por inúmeras dificuldades em relação ao sistema educacional nessas localidades, pela falta de infraestrutura das escolas, por não possuírem as mesmas condições que as da sede.

A maioria deles vive uma realidade diferente de alunos da zona urbana, realidade essa que muitas vezes limita o deslocamento desses estudantes para outros ambientes, estradas ruins são um dos maiores problemas impossibilitando o contato com capitais culturais concentrados em regiões centrais do estado e país. Pois de fato ao deslocarmos para outras localidades e cidades, conseguimos e adquirimos determinados conhecimentos.

A escola da zona rural em que realizamos a pesquisa atende alunos de vários povoados próximos, cada um com suas realidades, o que dificulta ainda mais na distribuição e aplicação das atividades. Dentre as dificuldades desses alunos, está a falta de uma boa internet ou a inexistência dela, fato que inviabiliza o trabalho do professor, visto que as aulas remotas foram mediadas pelo uso da rede mundial de computadores e por aplicativos acessados por ela, em relação a zona urbana essa questão da internet era mais viável tendo em vista que a situação da internet era melhor que as localidades da zona rural, no entanto, o relato da secretária da escola da zona urbana era que uma das grandes dificuldades era “a entrega das atividades que muitos pais não iam buscar na escola” (Secretária da escola), sendo assim tinha que se deslocar até eles para a entrega das atividades.

Alguns professores optaram por ministrar aulas no *Google Meet e Zoom*, todavia, com as dificuldades existentes, nem todos conseguiam ter acesso às aulas por falta de acesso à internet. Como já destacamos, nem todos os estudantes possuem os equipamentos tecnológicos necessários para assistir às aulas on-line. Em um dos relatos da professora Luzia, ela destacou que as dificuldades foram diversas, apontando que:

As dificuldades no início da pandemia foram maiores, e diversas, uma delas foi na elaboração de atividades pois ainda não tinha sido feito um diagnóstico dos alunos, dificuldade em conhecer os aplicativos para usar na edição de vídeo e quando encontrava ainda tinha a questão técnica de ter que aprender a manuseá-los e a questão de atividades dos livros didáticos, pois tinha atividades que não eram propostas para sala de aula, e na questão da avaliação ficou difícil, pois não se sabe realmente se foram esses alunos que fizeram suas atividades, pois não se tinha esse controle. Apesar de criar grupos de WhatsApp, muitos alunos não faziam as atividades, pois era pedido para colocar as atividades no grupo, o que muitas vezes não ocorria. (Entrevistas com Docente dia 07/12/2021, através do WhatsApp)

Apesar das inúmeras dificuldades elencadas pela professora Luzia, a mesma sublinha que no ano 2021 as aulas foram mais tranquilas e proveitosas que no ano anterior, já que os alunos conseguiam ter certa noção e tinham acumulado experiências do ano anterior.

As falas dos professores apontam que as escolas em geral, situadas na sede de São Bernardo ou que fazem parte desse município encontram e enfrentam problemas semelhantes, só que as desigualdades de alunos oriundos da zona rural ficaram mais evidentes neste contexto de pandemia, uma vez que, as condições destas escolas são mais precárias e a vida desses estudantes são conduzidas de outra forma.

As alternativas encontradas foram logo no início da pandemia, em junho de 2020, iniciar com as aulas remotas, montando um cronograma de atividade, em que pais ou responsáveis iam até a escola buscar essas atividades e devolver na data estabelecida pelo professor para a correção.

Todas as informações repassadas a eles eram através de grupos de *WhatsApp*. Com isso, surge outro grande problema, quem auxiliaria esses alunos que não têm internet e muitas vezes nem aparelhos tecnológicos? Sendo que muitos desses pais não tinham como ajudar os filhos nas realizações das atividades, tendo que recorrer a outras alternativas. Como relata uma aluna do 5º ano, estudante da zona rural.

Não tive aulas on-line, existe apenas grupo de WhatsApp para tirar possíveis dúvidas e está sendo muito difícil, pois minha mãe tem pouca escolaridade, não enxerga direito e não tinha como me ajudar, tendo que recorrer a minha tia, e como não tinha celular, no início, minha irmã que mora em São Luís era quem pegava todas as informações, pois ela que estava no grupo de WhatsApp e repassava todas as informações sobre a entrega e recebimento de atividade. (Entrevista com discente na sua residência dia 09/10/2021)

A mesma ressalta que o mais difícil foi não ter nem aulas *on-line*, como outros colegas da mesma escola. Percebe-se que mesmo tendo diversos aplicativos que auxiliaram nas aulas *on-line* durante a pandemia, alguns professores, por algum motivo deixaram de utilizá-los e ficaram apenas com os grupos de *WhatsApp*, para informações ou dúvidas, que muitas vezes, o aluno acabava não as sanando.

Entretanto, percebemos diferenças no planejamento e execução das atividades durante a pandemia, durante essa pesquisa notamos que numa mesma escola as atividades foram diferentes enquanto alguns professores preferiram dar aula *via google meet*, outros optaram apenas em usar o aplicativo *WhatsApp* para tirar dúvidas o que acabou prejudicando alguns alunos, ainda mais sendo que os mesmos dificilmente tiravam dúvidas ou pela timidez ou por falta de internet. Segundo uma aluna do 7º ano “as aulas ocorriam em média uma meia hora, com participação no máximo 10 alunos de uma turma de 23 alunos que dificilmente participava o que acarretava numa aula sem interação” (Entrevista com discente na sua residência 01/10/2021).

Os desafios são maiores em escolas que já possuem IDEB<sup>11</sup> abaixo do desejável, que é o caso dessa escola da zona rural. Com IBEB 4,5 em 2019, a meta era de 4,9 e não conseguiram atingir, permanecendo em situação de alerta. Com a pandemia, muito provavelmente, a probabilidade da situação se agrava ainda mais. Neste período, a cada 100 alunos dessa escola, 11 não foram aprovados. Desse modo, essa escola precisa melhorar e atingir a nota esperada, 6,0. Entretanto, fica mais difícil com as dificuldades de comunicação e interação reduzidas no período da pandemia.

Neste processo de ensino emergencial, de certa forma, fica mais complicado esse processo de avaliação dos discentes, sendo que os mesmos não têm o controle de quem realmente está fazendo essas atividades. Em um relato, o professor Mário ressalta que o processo avaliativo é mais complicado, mas que ocorreu por meio do recebimento dos cadernos de atividade:

A principal forma de avaliação foi o recebimento do caderno de atividade que acontecia inicialmente de 15 em 15 dias, depois passou a ser um por mês, mas que não tem como fazer uma avaliação fiel. Também avaliamos as participações nas aulas *on-line* e também conta muito a frequência correta da entrega das atividades (Entrevista feita com docente dia 13/10/2021, através do *WhatsApp*).

---

<sup>11</sup><https://qedu.org.br/cidade/5295-sao-bernardo/ideb/ideb-porscolas?dependence=3&grade=1&edition=2019>.

Esse processo de avaliação é muito complicado, as atividades têm que ser bem elaboradas, uma vez que o professor não tem controle sobre as atividades enviadas para realização em casa, o processo de ensino e avaliação é crucial para mensurar a aprendizagem do estudante, ficando fragmentado:

A avaliação, como ato diagnóstico, tem por objetivo a inclusão e não a exclusão; a inclusão e não a seleção (que obrigatoriamente conduz à exclusão). O diagnóstico tem por objetivo aquilatar coisas, atos, situações, pessoas, tendo em vista tomar decisões no sentido de criar condições para a obtenção de uma maior satisfatoriedade daquilo que se esteja buscando ou construindo. (LUCKESI, 2012, p. 162- 163)

Nesta construção do conhecimento, o processo avaliativo recebe inúmeras críticas, principalmente com a aplicação de provas, mas que são necessárias. Segundo Luckesi: “A atual prática da avaliação escolar estipulou como função do ato de avaliar a classificação e não o diagnóstico, como deveria ser constitutivamente” (LUCKESI, 2012, p. 34). De certa forma, durante a pandemia, esse recurso se tornou pouco viável e confiável, pois segundo Luckesi:

A prática escolar usualmente denominada de avaliação da aprendizagem pouco tem a ver com avaliação. Ela se constituiu muito de provas/exames do que a avaliação. Provas/exames têm por finalidade, no caso da aprendizagem escolar, verificar o nível de desempenho do educando em determinado conteúdo (entendendo por conteúdo o conjunto de informações habilidades motoras, habilidades mentais, convicções, criatividade etc.) e classificá-los em termos de aprovação/reprovação (para tanto, podemos utilizar-se de níveis variados, tais como: superior, médio-superior, médio, médio- inferior, inferior, sem rendimento; ou notas que variam de 0 a 10, ou coisa semelhante) (LUCKESI, 2012, p. 168- 169).

De certa forma, o processo de avaliação é pautado de acordo com o rendimento e acertos na avaliação, as chamadas (provas) o que deixa em desvantagem quem passa por dificuldades, reproduzindo desigualdades sociais. No entanto, esse processo avaliativo se dá de maneira uniforme a todos os alunos, neste sentido, acaba por ser um processo desigual, uma vez que nessas instituições escolares há uma diversidade de sujeitos.

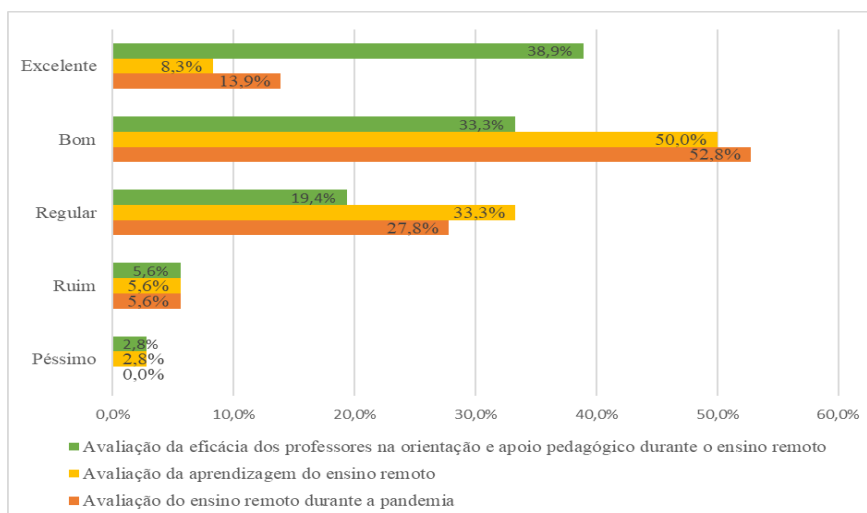
#### **4 ANÁLISES E RESULTADOS**

Os dados a seguir são resultados dos questionários enviados aos alunos e professores e coleta de dados pelo WhatsApp. Abaixo, apresento dados dessa pesquisa através de gráficos de acordo com a coleta de dados que foi realizada em duas escolas de São Bernardo-MA.

O primeiro gráfico é referente a três perguntas direcionadas aos alunos, como eles avaliavam a eficácia dos professores na orientação e apoio pedagógico durante o ensino remoto,

em que a maioria respondeu excelente, e a segunda é referente a aprendizagem do próprio aluno em que responderam bom, e a terceira consiste em como eles avaliavam o ensino remoto durante a pandemia, em que, de modo geral a maioria destacou como bom como mostra no gráfico 1, a seguir.

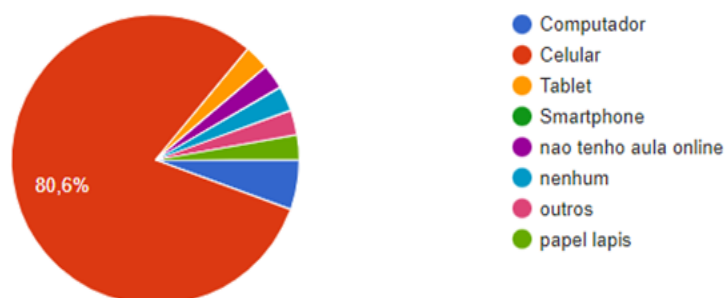
**Gráfico 1:** Questionário aplicado aos alunos sobre as avaliações



Fonte: Autoras, 2021.

Os dispositivos e materiais que foram utilizados durante a pandemia foram múltiplos. Apesar de muitos alunos ainda não possuem aparelhos celulares, utilizavam o dos pais ou algum parente próximo, para obter informações ou conectar-se as aulas on-line. Vejamos o gráfico 2 a seguir referente aos dispositivos utilizados durante as aulas online no período da pandemia.

**Gráfico 2:** Sobre dispositivos utilizados nas aulas remotas

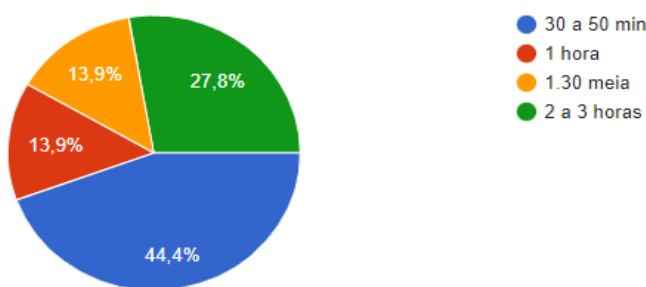


Fonte: Autoras, 2021.

Apesar da variedade de dispositivos, o gráfico aponta que o aparelho mais utilizado foi o celular. Apesar disso, uma pequena parcela de estudantes afirmou não possuir nenhum aparelho ou não ter tido aula on-line, dado preocupante, já que as aulas funcionaram durante a pandemia virtualmente.

O tempo de duração das aulas on-line eram os mais variados de acordo com o aplicativo que o professor estava utilizando, e com a disponibilidade da internet, mas na maioria das vezes era de 30 a 50 minutos, até porque é difícil prender a atenção dos alunos em aulas no formato virtual durante muito tempo como mostra o gráfico 3.

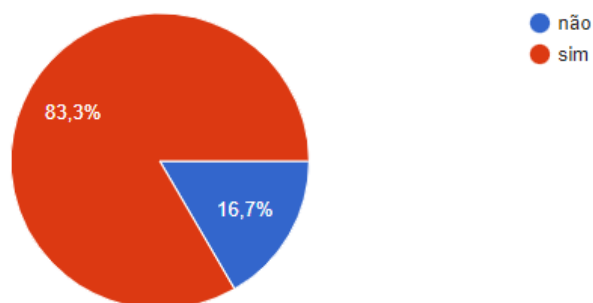
**Gráfico 3:** Duração das aulas on-line



Fonte: Autoras, 2021.

Ao serem questionados se a escola fornecia recursos necessários para o aprendizado em casa, ou seja, para as aulas remotas, a maioria dos alunos, como mostra o próximo gráfico responderam que sim, causando uma divergência nas respostas dos professores que responderam que não obtiveram ajuda alguma a respeito de recursos para esse modelo de ensino, no período da pandemia. Como apontado anteriormente no texto, segundo os docentes, eles tiveram que se reinventar com seus próprios recursos, entretanto, ao ser perguntado aos alunos se a escola fornecia recursos necessários para o aprendizado em casa veio a surpresa, pois a maioria respondeu que sim como mostra o gráfico 4.

**Gráfico 4:** Fornecimento de recursos tecnológicos pela escola

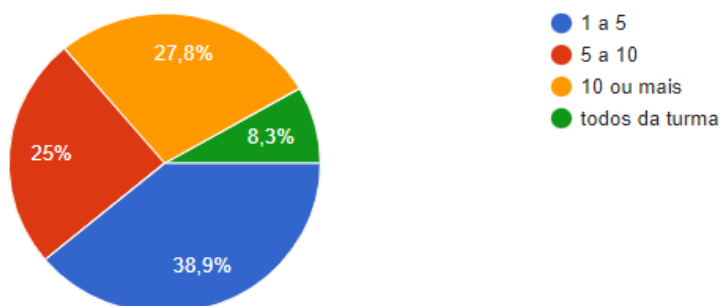


Fonte: Autoras, 2021.

No entanto, um dos maiores problemas dos professores foi justamente conseguir obter a atenção dos alunos e conseguir um número expressivo deles em aulas *on-line*, por conta também da internet que era de má qualidade ou até mesmo inexistente. O que mais prejudicou os mesmos neste período de aulas *on-line* foi a questão da queda e instabilidade da internet.

Durante essa pesquisa, pude assistir algumas aulas *on-line* referente as escolas dessa pesquisa e pode constatar que o número de alunos era muito baixo em decorrência da falta de conectividade, ou de uma internet de má qualidade. Por isso, na maioria das vezes o número de estudantes ficava abaixo do esperado, como mostra o gráfico 5. Na maioria das vezes, a quantidade era de 1 a 5 alunos, segundo os próprios estudantes.

**Gráfico 5:** Quantidade de alunos por aula on-line



Fonte: Autoras, 2021.

Perguntamos aos professores qual maior desafio encontrado na sua profissão diante do cenário da pandemia em que estavam vivenciando? Segundo a professora Rosa formada em letras, está na área da educação a 15 anos ressaltou que: um dos legados que a pandemia deixara para a educação é o aumento da desigualdade nos níveis de aprendizado entre os alunos, já que alguns não se adaptaram ao ensino a distância e outros nem sequer tem acesso à internet (Resposta obtida através da coleta de dados pelos questionários dia 20 /12 /2021).

Pois a falta de internet era fator relevante no modelo de ensino adotado no período da pandemia, ocasionando a ausência de muitos alunos durante as aulas online, segundo a professora Rosa ainda mais nas zonas rurais a educação no meio rural ainda tem muito a desenvolver principalmente nesse período de pandemia, as escolas da zona rural, normalmente são compostas de apenas sala de aula sem internet e sem uma boa estrutura (Resposta obtida através dos questionários dia 20 /12 /2021).

Esta sessão é extremamente relevante para situar o leitor na análise de alguns resultados, mostrando alguns elementos da coleta de dados, através dos questionários resultando em gráficos para uma melhor compreensão. Apesar desse trabalho ter sido realizado em duas escolas com contextos diferentes, perante a percepção dos professores as escolas passam por estruturas semelhantes, o que muda é o contexto de vida dos estudantes em que a maioria dos contribuintes dessa pesquisa residem na zona rural de São Bernardo, onde o acesso à internet é o ponto de diferença principal entre eles, e o acesso a determinados capitais culturais fica mais restrito por efeito das localidades campestres que eles residem, pois dificulta o acesso a outras cidades e conseqüentemente a outros conhecimentos culturais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realização desta pesquisa possibilitou compreender e realizar os vários passos de uma pesquisa, começando pela programação, ou seja, pela realização do projeto que é o ponto inicial da pesquisa, e em seguida por meio de leitura bibliográfica referentes ao tema proposto e pesquisa de campo, feita seguindo um modelo de questionário para alunos e professores, e conversas pelo *WhatsApp* com os professores. Nesta pesquisa os desafios foram diversos desde a disponibilização das escolas ao qual fiz a pesquisa até a coleta dos dados. Entretanto foi de suma importância para compreendermos como estava a estrutura do sistema educacional no período da pandemia.



Neste sentido, essa pesquisa me propulsionou um novo olhar neste processo de pesquisa e aprendizado, enquanto temos que manter distanciamento para que nossa opinião de senso comum não influencie, fica impossível não nos envolver diretamente ou indiretamente, até mesmo porque ao escolhermos o tema de uma pesquisa ele parte de determinado interesse, sendo assim, há um envolvimento da pesquisadora com o tema proposto, mas que precisa manter o distanciamento como pesquisador sem colocar nossas próprias opiniões, isto é, utilizando a criticidade.

Apesar de algumas dificuldades no decorrer dessa pesquisa, ainda mais por se tratar de uma pesquisa que iniciou no período mais crítico da pandemia, onde professores estavam se adaptando ainda ao novo modelo de ensino, algumas dificuldades foram apresentadas, como o retorno dos questionários, mas que acabou dando certo e podemos ter a dimensão do ensino neste período da pandemia.

Com base nessa pesquisa, trouxemos uma perspectiva do que estava acontecendo no sistema educacional do município de São Bernardo, sendo perceptível a importância que o professor tem na sociedade, pois possui papel e caráter de formador de indivíduos críticos e intelectuais, mas que é preciso um olhar mais atento às diferenças entre seus alunos para que todos possam ter de fato uma educação igualitária e justa. Neste sentido, também precisa de melhorias nas políticas públicas para que se tenha uma melhor qualidade de estruturas e aparatos tecnológicos nas escolas.

Neste período da pesquisa podemos constatar as dificuldades dos professores em manusear os aparelhos tecnológicos e no processo de avaliação, já os alunos a dificuldade maior foi o acesso a uma internet de qualidade e o acesso a aparelhos tecnológicos, mesmo com todas as dificuldades as aulas em formato remoto foram a melhor opção do momento. Neste sentido de acordo com os docentes a principal diferença entre escola da zona rural e zona urbana, foi o acesso à internet em que áreas rurais era mais difícil e muitas vezes até inexistente, o que acabou afetando o desempenho dos estudantes.

Portanto, apesar das desigualdades existentes, a educação é o meio legítimo para a transformação da vida social do indivíduo, pois vai além de um simples conhecimento, a educação é um fenômeno primordial para a formação como cidadão crítico, pois permite o indivíduo crescer e ascender profissionalmente e intelectualmente, contribuindo na transformação de uma sociedade mais justa e igualitária de fato, apesar dos contextos que vivenciamos de desigualdade social, devemos a cada dia lutar por uma educação justa e de qualidade a todos e todas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas** / Pierre Bourdieu; tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero. - São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**, 16. Petrópolis: Ed. Vozes, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalinas**, 2001. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.
- COLASANTE, Tatiana; PEREIRA, Amanda Gomes. **Gestão da vida e da morte no contexto da COVID 19** no Brasil. Revista M. – issn 2525-3050 Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 198-213, jan./jun.2021.
- COLASANTE, Tatiana; PEREIRA, Amanda Gomes. **Gestão da vida e da morte no contexto da COVID 19** no Brasil. Revista M. – issn 2525-3050 Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 198-213, jan. /Jun.2021.
- BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. 34. ed. Brasília, DF: Edições Câmara, 2011.
- Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – **Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS**. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- CHAGAS, Elisa. Data Senado: **Quase 20 Milhões De Alunos Deixaram De Ter Aulas Durante Pandemia**. 2020.
- DESCHAMPS, Eduardo; CASTRO H. Maria, **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**. 2020  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=145011-ppc005-20&category\\_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-ppc005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 05/05/2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LUCKESI, Cipriano Carlos **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições - 12. ed. - São Paulo: Cortez, 2012.

WEINTRAUB, Abraham. **DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO**, PORTARIA Nº 544, DE 16 DE junho de 2020. 2020. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junhode-2020-261924872>. Acesso em: 05/05/2021.

**Da internet:**

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-bernardo/panorama>. Acessado em 06/12/2021

<https://www.corona.ma.gov.br/atos-normativos>. Acessado em 01/12/2021

<https://qedu.org.br/cidade/5295-sao-bernardo/ideb/ideb-por-scolas?dependence=3&grade=1&edition=2019> acessado em 20/ 12 /2021.

<https://sbim.org.br/covid-19/73-perguntas-e-respostas-sobre-as-vacinas/o-virus-sars-cov-2-e-a-covid-19> acesso em 20/05/2021

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/12/datasenado-quase-20-milhoes-de-alunos-deixaram-de-ter-aulas-durante-pandemia>. Acesso em:10/10/ 21.